

DIRIGI-ME PARA AS SALINAS, PERTO DA FOZ DO RIO, NO MÊS DE Maio em que fazia dezanove anos, para recolher sal para a farinha sagrada. Tita e Maruna foram comigo, e o meu pai enviou também um velho escravo doméstico e um rapaz com um burro para transportarem o sal para casa. As salinas ficam apenas a alguns quilómetros de distância, na costa, mas transformámos a viagem num piquenique nocturno. Carregámos o pobre pequeno burro com comida, demorámos todo o dia na viagem, e montámos o acampamento numa duna coberta de relva, sobranceira aos areais do rio e do mar. Jantámos os cinco em volta da fogueira, contámos histórias e cantámos, enquanto o Sol se punha sobre a água e o crepúsculo de Maio se tornava cada vez mais azul. Depois dormimos envoltos pela brisa do mar.

Acordei com os primeiros raios de luz. Os outros dormiam profundamente. Os pássaros iniciavam os seus cânticos aurorais. Levantei-me e dirigi-me para a foz do rio. Mergulhei as mãos, recolhi um pouco de água e derramei alguma como oferenda, murmurando o nome do rio, Tibre, Pai Tibre, bem como os seus nomes antigos e secretos, Albula, Rumon. Depois bebi, saboreando o gosto um pouco salgado da água. O céu já clareara o suficiente e podia ver as ondas longas e fortes da barra, onde a corrente encontrava a maré enchente.

Mais longe, no mar sombrio, vi barcos — uma linha de grandes barcos negros, vindos de sul, mudando de rumo e dirigindo-se para a foz do rio. Em cada um dos barcos uma longa fila de remos subia e descia como o bater de asas ao crepúsculo.

Um após outro, os barcos enfrentaram as ondas da barra, subindo e mergulhando, um após outro avançaram. Os longos beques triplos, arqueados, eram de bronze. Acocorei-me na margem, sobre a lama

salgada. O primeiro barco entrou no rio e passou por mim, alto e negro, avançando firmemente impulsionado pelo bater suave dos remos na água. As caras dos remadores estavam encobertas, mas um homem se destacava, de pé, envolto pelo céu, na popa alta do barco, olhando em frente.

Tem uma expressão austera mas descontraída; olha em frente, para a escuridão, rezando. Sei quem ele é.

Quando o último barco passou por mim, com aquele movimento dos remos, o bater suave e contínuo, e se perdeu na floresta que cresce espessa em ambas as margens, os pássaros cantavam alto por todo o lado e o céu brilhava sobre as colinas orientais. Regressei ao nosso acampamento. Ainda ninguém tinha acordado; os barcos tinham passado por eles enquanto dormiam. Nada lhes disse sobre o que vira. Descemos para as salinas e cavámos uma boa quantidade de lama cinzenta, suficiente para fazer sal para todo o ano, carregámo-la nos cestos que o burro transportava e regressámos a casa. Não deixei que se demorassem, queixaram-se e mandriaram um pouco, mas chegámos a casa muito antes do meio-dia.

Dirigi-me ao rei e disse:

— Uma grande armada de barcos de guerra subiu o rio de madrugada, pai. — Ele fitou-me, uma expressão triste na cara.

— Tão cedo — foi tudo o que disse.

SEI QUEM EU ERA, POSSO CONTAR-VOS QUEM PODERIA TER SIDO, mas existo agora, apenas nesta linha de palavras que escrevo. Não sei qual é a natureza da minha existência, e espanto-me por me descobrir a escrever. Falo latim, naturalmente, mas alguma vez o aprendi a escrever? Parece pouco provável. Sem dúvida, alguém com o meu nome, Lavínia, existiu, mas ela pode ter sido tão diferente da ideia que tenho de mim, ou da ideia que o meu poeta tem de mim, que me sinto muito confusa só de pensar nela. Tanto quanto sei, foi o meu poeta quem me deu a minha realidade. Antes de ele ter escrito, eu era a mais imprecisa das figuras, pouco mais do que um nome numa genealogia. Foi ele quem me trouxe para a vida e assim possibilitou que eu me lembrasse da minha existência e de mim mesma, o que faço, intensamente, com todo o tipo de emoções, as quais sinto fortemente à medida que escrevo, talvez porque os acontecimentos de que me lembro só existem na medida em que os escrevo, ou ele os escreveu.

Mas ele não os escreveu. Ele menosprezou a minha vida no seu poema. Limitou-me, porque apenas descobriu quem eu era quando ele estava à beira da morte. Não tem culpa. Era já demasiado tarde para fazer emendas, para repensar, completar as meias linhas, aperfeiçoar o poema que considerava imperfeito. Afligiu-se com isso, eu sei; lamentava por mim. Talvez onde se encontra agora, lá em baixo, do outro lado dos rios negros, alguém lhe diga que a Lavínia sofre por ele.

Eu não morrerei. Disso tenho tudo menos a certeza. A minha vida é demasiado contingente para levar a algo tão absoluto como a morte. Não tenho suficiente mortalidade. Não há dúvida de que, eventualmente, me extinguirei e ficarei perdida no esquecimento, como me teria acontecido já há muito tempo se o meu poeta não me tivesse

convocado à existência. Talvez me transforme num falso sonho, agarrado como um morcego à parte inferior das folhas da árvore às portas do mundo dos mortos, ou num mocho esvoaçando nos carvalhos sombrios de Albúnea. Mas eu não tenho de me arrancar da vida e descer à escuridão como ele, pobre homem, primeiro na sua imaginação e depois como o seu próprio fantasma. Ambos temos de enfrentar a nossa vida depois da morte, disse-me ele uma vez, pelo menos é uma forma de entender o que ele disse. Mas essa ociosidade sombria, lá no mundo dos mortos, esperando ser esquecido ou renascer — isso não é verdadeira vida, nem mesmo uma vida pela metade, como a minha tem sido, enquanto a escrevo e vós me leis, nem tão verdadeira como as palavras dele, as palavras magníficas, vibrantes, em que vivi durante séculos.

Contudo, a minha parte nelas, a vida que ele me deu no seu poema é tão monótona, a não ser naquele momento em que o meu cabelo se incendiou — tão descolorida, excepto quando as minhas faces de donzela coram como mármore manchado de carmesim —, tão convencional, que já não a consigo suportar. Se tenho de continuar a existir, século após século, então, pelo menos uma vez, devo fugir e falar. Ele não me deixou dizer uma única palavra. Tenho de lhe arrancar a palavra. Deu-me uma longa vida, mas muito pequena. Preciso de espaço, preciso de ar. A minha alma estende-se até às velhas florestas da minha Itália, até aos cumes ensolarados, até ao vento onde voa o cisne e o corvo portador da verdade. A minha mãe era louca, mas eu não. O meu pai era idoso, mas eu era jovem. Como a espartana Helena, fui causa de uma guerra. Ela provocou a sua ao deixar que homens que a desejavam a raptassem. Eu causei a minha porque não deixei que me dessem, que me levassem, antes escolhi o meu homem e o meu destino. O homem era famoso, o destino obscuro; o balanço não foi negativo.

Mesmo assim, por vezes acredito que devo estar morta há muito tempo, e que estou a contar esta história em alguma parte do mundo dos mortos que desconhecíamos — um lugar enganador onde pensamos que estamos vivos, onde pensamos que envelhecemos, recordando o que éramos enquanto novos, quando as abelhas enxamearam e o meu cabelo pegou fogo, quando os Troianos chegaram. Afinal de contas, como é possível que todos falemos uns com os outros? Lembro-me dos estrangeiros que vieram do outro lado do mundo, subindo o rio Tibre em direcção a um país de que nada sabiam: o enviado deles veio até à casa de meu pai, explicou que era um troiano e fez discursos educados num latim fluente. Como é que isso pode ter acontecido?

Sabemos todas as línguas? Isso só pode ser verdade para os mortos, cujas terras jazem sob todas as outras terras. Como é que me compreendeis, eu que vivi há vinte e cinco ou trinta séculos? Sabeis latim?

Mas depois penso que não, que isto não tem nada que ver com o estar morto, não é a morte que permite que nos compreendamos uns aos outros, mas a poesia.